

## Não chores! Saíram do ar a cidade e o rádio...

Fábio Martins

*Senhores ouvintes, no ar... a cidade e o rádio*

Belo Horizonte, Ed. C/Arte, 1999, 144 p.

Resenhado por Inez Lemos\*

JUNTOS, CONVIDO VOCÊS PARA REMEMORAR. Sorver sentimentos. A memória afaga a alma. Com algumas lembranças que nos restam, podemos tecer memórias. Como colher lembranças? Como rememorar? Os lugares de memória devem ser conservados, provocados. É preciso nos deixar afetar pela memória, pelos sentimentos que nela cochilam. É preciso não resistir ao ato de lembrar, ao desejo de engasgar. Neste particular, convoco a todos para um passeio de época. Uma volta às saias *plissées* e aos ternos brancos. Numa Belo Horizonte de ontem. Lasciva, nostálgica e cheia de encantos. Entre o sacro e o profano, tentarei decifrar os sentimentos que o livro *Senhores ouvintes, no ar... a cidade e o rádio*, de Fábio Martins, evoca nos leitores. Sentimos saudades de tudo aquilo que não vivemos. Uma viagem sedutora à memória desta cidade. Nos bondes, meio de transporte público da época, os motorneiros e condutores primavam pela elegância e educação. Era lugar comum, entre eles, a atenção com os passageiros. Nada de prosseguir sem antes os passageiros se assentarem. Parecia um tempo em que o belo não tinha remorso, ou a elegância, culpa. E o amor era sentimento compartilhado e valorizado. Vamos visitar a vida e as noites de outrora

---

\* Historiadora e psicanalista.

da “brilhançina e dos chapéus de lebre”. Neste mesmo bonde, conduzidos pelo texto de Fábio Martins, vamos colher histórias e homenagear lugares.

Por que o passado exerce tanto fascínio na vida das pessoas? Existe um desejo de reviver. De arrancar do vivido o sentimento quente, pujante. A tradição deixa marcas. Os costumes retornam. Insistem na repetição. Todos gostam de recordar. Na verdade, temos saudade não dos lugares, das roupas, das músicas, mas da “condição de feliz”. Existia uma felicidade e é dela que queremos falar, recordar. Só existem lugares de memória, porque não existem mais condições de memória. A sedução dos cabarés era um meio de memória. A amizade, os bate-papos nos cafés. O hoje é o tempo no qual o imediato rompe com as mediações da memória, representando o esfacelamento e a mutilação de nós mesmos. Como nos lembra Pierre Nora: “Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares” (Nora, 1981, p 8). O que o homem busca são sensações mnemônicas. Todos desejam perseguir a condição de feliz. Seja através das histórias do rádio, do bonde, dos bailes ou dos *rendez-vous*, o que interessa é a memória-recordação, o recordar com o coração. Como desvendar as sensações mnemônicas que nos perseguem? Marcel Proust, em sua coletânea *Em busca do tempo perdido*, ocupou-se da questão: “as diversas impressões bem-aventuradas, que tinham em comum a faculdade de serem sentidas simultaneamente no momento atual e no pretérito, o ruído da colher no prato, a desigualdade das pedras, o sabor da Madeleine fazendo o passado permear o presente a ponto de me tornar hesitante” (Proust, 1992, p. 152). O que vale são as intermitências que habitam o coração. Que fazer com a dor do coração? O desejo é terra de ninguém, lugar ainda intocável pelo homem. Tecnologia alguma tocará neste mistério. Mistério que nos mantém vivos. São segredos que nos atravessam, fazendo o passado virar presente. Confundindo-nos. Não sabemos mais em qual dos dois mundos habitamos. Qual Belo Horizonte? Qual felicidade? A do rádio, dos programas de auditório, das horas dançantes do Cabaré Montanhês, ou a felicidade de poder matar a fome da madrugada em um *McDonald's* qualquer?

A memória é do campo do gozo; muitas vezes, queremos só recordar aquilo que nos dá prazer. O livro de Fábio Martins é o campo do prazer. Tem gosto de gente feliz. É deste campo que tento ocupar-me,

ao tentar decifrar os mistérios que habitam a memória dos homens. Sem elas, história e memória, somos escravos do passado. Um passado sem nome. Órfão. Devemos fazer as pazes com o nosso passado. Com a nossa Belo Horizonte. O remorso, a frustração, o não perdão não nos deixam crescer. O perdão é libertador. Temos que perdoar. Perdoar Belo Horizonte. E de alma limpa, aceitar os maus tratos deste novo tempo. Aceitar para continuar a lutar. Lutar por lembranças melhores. Livros como este, de Fábio Martins, servem para nos lembrar que Belo Horizonte ainda conserva lugares de memória. E enquanto existirem nichos de memória, existirá vida feliz. Existe uma memória coletiva. As pessoas se fazem à luz do passado que as acompanha. À idéia de cidade, de vida urbana e feliz. Sem memória, seremos apenas um ser trago-pela história.

“Os olhos brilhantes de Zezé riscam, de ponta a ponta, a lagoa da Pampulha” (p. 75). Assim Fábio Martins termina o capítulo “Encontros na casa da Zezé”, onde ele nos conta sua conversa com a “dama da noite”. E nos explica: “na boemia dos anos 40, 50 e início de 60, duas mulheres dominam o comércio do erotismo e do prazer. Não há motéis nem televisão. Nas casas da Zezé e da Margarida, o rádio fica sempre ligado, e alguns personagens que atuam no *broadcasting* são famosos e respeitados. O rádio exerce forte atração sobre as mulheres da noite” (p. 65). O tempo passa, e outras modernidades entram no ar. As mudanças rápidas assustam os poetas, artistas. Todos temem a intensificação do progresso. A década de 60 chega em carros novos. Trazendo ameaças e surpresas. Muitos sentem o desamparo. Poucas tradições resistiram à fúria da tragédia modernista: ficamos sem a utopia de uma vida feliz. Ficamos sem as serenatas, na companhia de Noel Rosa, rompendo madrugadas. Era o tempo de subir Bahia e descer floresta. Boemia não rima com dor. Noel veio a Belo Horizonte em busca de ar puro para curar seus pulmões. Até que a saudade do Rio, ferindo sua alma, nos leva Noel de volta. Assim, o amante da música e da noite se justifica: “primeiro, porque ela (a vida) não é séria. Depois, porque é curta demais” (p. 91). O apito de Noel silencia-se em 4 de maio de 1937. Como o rádio da casa de Zezé. “A casa da Zezé vai ser fechada. Sem despedidas ela percorre quarto por quarto. Enche-se de sentimentos”. Vivemos uma sociedade de mercado. Zezé vivia inserida nesta sociedade. Mas cuidava do amor, dos mistérios e dos segredos. A vida

no cabaré comportava sentimentos. A casa de Zezé se foi. Ficaram suas memórias, guardando os segredos libidinosos da cidade. Um dia, Zezé foi tragada pelo pedido de Fábio Martins, jornalista que atuou nas rádios Inconfidência e Itatiaia, e que hoje é professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Homem sensível, conseguiu fazer com que Zezé lhe concedesse a entrevista. Tratando-se de uma epifania, ela se abre a este belo trabalho. Assim nos foi dada a oportunidade de conhecermos um pouco mais os segredos dessa cidade. Seguir seus passos.

Para que serve escavar a história de uma cidade? Qual a função da memória na vida dos homens? A memória esconde-se nos lugares, e a história nos acontecimentos. Todas as vezes que alguém explora os lugares de memória de Belo Horizonte, e o faz com mestria, eu me alegro. A alegria é do campo do perdão. Você perdoa e depois se prepara para um novo sentimento. Aí entra a alegria, para receber este novo sentimento. Não perdoar é envelhecer com os mesmos sentimentos. Assim eu recebi o livro de Fábio Martins. Como uma menina moça, cheia de perdão. A cidade traída, testemunha seu passado frágil. Belo Horizonte, não chores!... Saiu do ar o rádio. Assim como saiu de moda o amor nos cabarés, as danças no Montanhês, os bate-papos no Café Palhares, os passeios na Afonso Pena, os jogos no Cassino da Pampulha. Saiu do ar um desejo de cidade. Na memória, resta um lugar para nos re-encontrarmos. Somos feitos de lembranças. Lembranças que se dependuram nos lugares. Lembranças que produzem sentimentos. Lugares que fundam memórias.

## Referências bibliográficas

- NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares." In: *Projeto História*. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.
- PROUST, Marcel. *O tempo redescoberto*. São Paulo, Globo, 1992.